

A BATALHA

QUINTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2126

A VENALIDADE ELEITORAL

O COMUNISMO-ESQUERDISTA E O SOCIALISMO-SILVISTA!

As eleições são um espectáculo vergonhoso que oferece sempre, ainda hoje, depois de gastos todos os *trucks*, depois de desacreditadas todas as urnas, aspectos dum aincoréncia e dum avenalidade políticas que lançam a desolação naqueles eleitores a quem a sua pretensa importância de soberano de opereta não alucinou completamente.

Este ano oferecem-se dois espetáculos curiosíssimos, resultantes de duas híbridas alianças: a dos comunistas com os esquerdistas e a dos socialistas com os "bonzinhos" democráticos.

Os comunistas têm andado numa intensa actividade eleitoral feita exclusivamente de injúrias à C. G. T. e à Batalha e de elogios ao esquerdismo democrático. Os papas vermelhos de Moscovo apresentaram há anos já, e nenhuma tendência têm para as modificar, as teses em torno das quais se orienta em todos os países do mundo a actividade política dos comunistas. A nenhum partido filiado na Internacional Comunista é permitido fazer alianças, para fins eleitorais ou outros, com quaisquer agrupamentos políticos ainda que eles vivam sob o pavilhão da social democracia. E Moscovo rejeita, expulsa, excomunga, duma maneira categórica, definitiva, violenta quem desobedeça às suas imperiosas e ditatoriais indicações.

O próprio Partido Comunista francês, que é de todos, exceção feita ao russo, mais forte, curvou-se e obedeceu, recusando a sua inclusão no *cartel* das esquerdas e cobrindo na *Humanité* Herriot e Léon Blum de invectivas. Aqui as atitudes mudaram. O Partido Comunista, que é uma ficção alimentada, por baixo da mão, pelo "fogo sagrado" dos dirigentes de dois sindicatos, lança-se na luta eleitoral com um programa reformista, nitidamente anti-moscovita e liga-se aos esquerdistas. Seus candidatos José Tavares dos Santos, comunista-espírita, e João Ferreira Cabecinha-de-alho-chuchó—coligidos por alguns dos seus fervorosos partidários andaram desprestigiando o operário organizado com ataques violentos e injustíssimos à C. G. T. e elevando até às mais altas nuances do elogio e até ao sétimo céu da admiração incondicional o grupo de democráticos que se desseviu com António Maria da Silva.

E assim constata-se o aparecimento dumha ideia política nova composta de duas ideias antagónicas: a comunista que pretende deitar abaiixo a sociedade e a esquerdista que quer conservá-la, dotando-a de bases mais sólidas. Mas a cegueira destes fanáticos, a quem a ambição política perturbou e o desejo de ir para São Bento arrasta para as piores transições, só vê a C. G. T. e a Batalha acusando-as de traidoras aos seus objectivos, quando elas se conservam rigorosamente dentro da sua orientação sindicalista revolucionária.

Quem cumpre os seus deveres? A Batalha defendendo a independência do proletariado perante os partidos políticos, combatendo todos os exploradores ou os comunistas-espíritas ou não—pedindo votos para a lista deles em que está, numa aliança simbólica e prometedora do capital com o trabalho, o industrial e anti-intelectual Eduardo Pinto de Sousa?

Que respondam todas as vítimas da exploração industrial — que não são poucas, infelizmente!

Os socialistas equivalem-se aos comunistas, tanto na sua força efémera, como na sua escandalosa incoerência. Ao passo que os comunistas se uniram à esquerda do partido democrático, os socialistas uniram-se à direita, donde se infere que o extremismo político nesta terra anda a reboque do partido de democrático, o partido que maiores ofensas e maiores violências perpetrhou contra a classe operária.

O partido monárquico não tem futuro; o nacionalista é um pôço sem fundo. Devido a isso quem encarna o conservantismo, a reacção é a direita democrática. E os socialistas unem-se à reacção, vão para as urnas de braço dado com António Maria da Silva, insultando a esquerda democrática que tinha com eles maiores afinidades.

E bém certo que em política os compromissos estão acima dos partidos. Só assim se explicaria a existência dum *comunismo* esquerdistas e dum *socialismo* silvista. E somos nós, nos bárbaros e mentirosos e atrevidos dizeres dos comunistas, quem arripiou caminho e se afastou dos seus deveres! Só temos a dizer, como resposta, que muito nos honram os insultos, quando eles partem de adversários deste jaez.

NOTAS & COMENTÁRIOS

A dor dum pal

O pai de Elpidio Duarte, um dos deportados de Cabo Verde, esteve ontem na nossa redacção, lacrimoso, com o coração alaneado pela dor. Seu filho, vítima dum aterro violento governamental, foi há dias no Diário de Notícias vítima dum aterro. Reitero aquela matutino que Elpidio Duarte tomara parte no movimento de 18 de Abril.

Não é verdade. Elpidio foi preso no dia 8 de Abril, 10 dias antes do movimento reforrido, em sua casa. Como poderia ele ter tomado parte na abridura se estava preso?

De resto o Diário de Notícias devia de saber que Elpidio tivesse tomado parte na revolução de Abril já estava sótio.

Os falsos apóstolos!

Dizia-nos há dias um amigo desiludido da política: "Hai de ver ainda esses homens que estão agora convencidos de que a Esquerda Democrática vai salvar o país gritarem a plenos pulmões que foram intujiadas". E nós, que somos dotados dum desconfiança exagerada dizímos: "Não, talvez não intruji. Mas um manifesto distribuído em Sintra, num destes dias, convence-nos de que o nosso amigo tinha razão. Havia um tal ar de charlatanez nesse papeluco que metia náuseas. Os patifes disfarçaram a linguagem para que os operários tivessem confiança e julgasse que eram camaradas que lhes falavam, que os aconselhavam a votar na Esquerda Democrática. Cuidado, operários, com os falsos apóstolos!"

O Estado organizado

Vejam como as coisas estão organizadas em Portugal. Existe uma escola agrícola. E quem são os professores? Pessoas especializadas em assuntos ou no ensino agrícola? Não. São apenas: um alferes de infantaria reformado, um capitão de infantaria, na disponibilidade; um tenente de cavalaria reformado; um tenente de cavalaria, prestando serviço na G. N. R.; e ainda um posto desconhecido, da licença ilimitada. E assim, a tal seleção das democrazias.

Operários generosos...

Informa-nos o nosso correspondente de Viana do Castelo que os operários da construção civil, atendendo aos pedidos patrióticos de alguns industriais amigos dos operários, resolveram, espontânea e alegremente, fazer baixar em 25 por cento os

seus salários. E' natural que a opinião conservadora lá da terra deite fogueiras, e tem razão para isso. Parece-nos que, sentindo-se tão alegres, aqueles camaradas deviam ir mais além na sua generosidade para com os desgraçados patrões — pagando-lhes diariamente o salário que deveriam receber. Assim é que estaria certo...

Revolucionário de mama

Notícia a imprensa que entre muitas pessoas indevidamente, republicanos que pretendem anichar-se à mesa do orçamento, como revolucionários civis, uma há que tem apenas vinte anos de idade. Quera isto dizer que aos cinco anos, na gloriosa data de 5 de Outubro, lançou mão de uma arma e marchou para a Rotunda para defender esta linda democracia. Como os leitores já repararam, trata-se de um fenômeno que além do subódio, merece, pelo menos, um jantar de homenagem. Hesitamos, não sabemos qualificar o menino. Mas dada a sua pouca idade à data da revolução e as suas pretensões à data em que escrevemos, parece-nos que deve tratar-se de um revolucionário de mama...

O saque!

Demitiu-se do seu lugar de Inspector do Comércio Bancário o sr. Luís Viegas. Esta demissão presta-se a alguns comentários, por ela ter sido motivada pelos resultados da sindicância feita ao falido Banco Industrial Português. Na sindicância apurou-se que aquela entidade bancária failu depois de ter praticado grandes e escandalosas burlas.

Quis-se agora salvar os directores do Banco falido, entre os quais se contam o sr. Lima Basto, que anda de gorra com a casa Burnay, e o sr. Augusto Soares, representante de grande influência no partido democrático.

E' o saque organizado e consentido, com a condição dos saqueadores serem políticos de destaque. E' só o significado da demissão do sr. Luís Viegas.

A agitação na China

LONDRES, 4.—O Times recebeu um telegrama de Hong Kong dizendo que as tropas de Cantão se apoderaram do porto internacional de Soua Teou e dominam Kouang Tong. Os partidários de Tchen Tchiang Heng retiraram na direcção de Fou Kien Kiango.

OS DESMANDOS DUM EX-CONSUL

O grupo Pró-Pátria de New Bedford dirige-se ao presidente da República reclamando uma sindicância aos actos do sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho

A Batalha referiu-se anteontem a um novo escândalo, o dos desmandos do ex-cônsul de Portugal em Boston, o sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho. Não o fez, como já disse, por mesquinho espírito patriótico — mas por uma simples questão de dignidade humana. O nosso artigo produziu sensação e várias pessoas que estiveram na Norte América nos confirmaram a veracidade dos factos nela apontados. O Grémio Independente Pró Pátria foi quem nos revelou os factos lamentáveis a que aludimos. Felicitamos essa agremiação pelo desassombro com que tratou da melindrosa questão que interessa a tanta gente.

Hoje publicamos a seu pedido uma carta aberta ao presidente da República. Por dever de lealdade declararamos não concordar com as afirmações de carácter patriótico que essa carta contém. Desde que todos os que exploraram o povo e jogam com os seus interesses, como o sr. Eduardo de Carvalho, se consideram patriotas, vergonha seria um jornal como a Batalha, confundir-se com os charlatães, afirmando-se patriota. A nossa pátria é a humanidade. Lutamos pela dignificação dos portugueses na América porque sabemos contribuir assim para a moralização dumha parte da humanidade.

Porém, da melhor vontade apoiamos as reclamações de carácter moral que a carta contém, certos de que contribuímos para o aperfeiçoamento humano.

Por nossa parte, portanto, permitimo-nos chamar também a atenção do chefe do Estado para o documento que a seguir inserimos:

Exmo Sr. Presidente da República.—O Grémio Independente Pró-Pátria recentemente organizado na cidade de New Bedford, Estado de Massachusetts, Estados Unidos da América, vem junto de v. ex., como supremo magistrado da Nação, expressar o seu profundo desgosto, neste momento em que os olhares do mundo inteiro se fixam em Portugal, levados pela célebre questão da "escravatura negra" em África, se pretenda fazer eleger Deputado da Nação, um funcionário consular — o sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho — acusado publicamente na América de, enquanto cônsul em Boston, se entregar à "escravatura branca", crime altamente repudiado neste país, além doutros crimes, conforme consta dum circular enviado por este Grémio, nessa data, à imprensa portuguesa da metrópole, na qual pedimos licença para juntar uma cópia, evidenciando assim a proteção e cumprimento dos poderes públicos constitutos e a desprezível e vergonhosa solidariedade dos poderes políticos organizados.

Em consideração de tudo o que deixamos exposto, o Grémio Independente Pró-Pátria, vem muito respeitosamente solicitar a v. ex., para honra e prestígio da Pátria, e em consideração para com a colónia portuguesa da América do Norte, enxovalhado e humilhado, interceda junto do governo da República, de forma a serem tomadas as seguintes resoluções:

1.º Que seja ordenada imediatamente uma rigorosa sindicância aos actos do sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, como cônsul em Boston, sendo este funciário suspenso dos serviços, enquanto durar esta sindicância até julgamento final.

2.º Que essa sindicância se estenda aos actos do ex-vice-cônsul em New Haven, actualmente cônsul na Terra Nova, sr. João José Diniz, e do vice-cônsul em Providence, Estado de Rhode Island, sr. Abilio de Oliveira Aguiar, incluindo a ilegalidade da sua nomeação, perante as leis consulares, sendo estes funcionários suspensos de todo o serviço durante as sindicâncias e até julgamento final das mesmas.

3.º Que não são necessárias despesas extraordinárias para estas sindicâncias de maior valor, pois que o Grémio considera qualquer dos consulados de carreira existentes na América, pessoas competentes para desempenharem tal missão.

4.º Que seja o consulado de Boston encarregado de nomear os respectivos substitutos aos funcionários sindicados.

5.º Que não seja permitida a interferência nestas sindicâncias e em qualquer fase ou aspecto deste trabalho de Verdade e Justiça, ao político sr. Agatão Lança, amigo íntimo e protector político dos funcionários em questão, embora ele o pretendê negar talvez, e outros indivíduos tidos pelo colónio como compadres políticos dos mesmos funcionários, tais como o sr. João Camoes, Vitorino Guimarães, Baltazar Teixeira, e outros nomes que não nos ocorrem de momento, mas poderemos colher e dar à publicidade, se tal for necessário.

Quanto à candidatura do sr. Carvalho a Deputado da Nação, deixamos os votantes e em especial aos seus padrinhos políticos a reflectirem a tempo na sua mancomunação com o delapidador dos cofres do Estado.

O Grémio Independente Pró-Pátria espera que dos verdadeiros sentimentos patrióticos de v. ex. advirá acção energica e decisiva.

Muito respeitosamente vosso. — Pró-Gremio Independente Pró-Pátria, Alfredo Santos, secretário.

Para que serve a brigada da P. S. E.

Na madrugada de segunda-feira seguiram Avenida da Liberdade abaixo os operários Luis Correia de Oliveira e Mário Rodrigues, quando na esquina da calçada da Glória se lhes deparou um grupo de civis que dirigiam dichos a uma prostituta.

O primeiro daqueles operários, precisando de lume para o cigarro, dirigiu-se a um dos grupo e delicadamente pediu-lhe lume. Parece que os galanteios do "cavaleiro" não foram bem correspondidos, porque ao Luis Correia foi-lhe descarregado um violento soco do qual ainda conserva uma equimose.

O companheiro do agredido correu a chamar socorro sendo atendido por dois círculos que se dirigiram aos do grupo para os prender. Porém, qual não foi o espanto dos dois operários quando verificaram que estavam na presença dumha brigada da P. S. E. que ainda por cima levou presos aqueles dois operários para o governo civil. Estes, pelo "grave" delito de serem agredidos, foram responder ao tribunal dos pequenos delitos sendo absolvidos.

Para alguma coisa devia servir a brigada da P. S. E...

A SAÚDE DO POVO

Se Lisboa for assolada por uma forte epidemia, o hospital de São José não possui recursos sanitários para a combater!

demias que podem achacar a população, o dr. sr. João Pais elucidou-nos:

— Longe va o nosso agouro, mas dum momento para outro pode a população ser visitada por várias epidemias: febre tifóide, varíola, pneumonía (gripe infecciosa), meningite, peste bubônica, febre amarela, etc. etc.

— Se quisesse enegrecer o quadro podia também incluir o cólera. Não o faço porque não é tão possível, como nos povos orientais, a invasão desta epidemia em Portugal.

— É com veemência:

— Admitam os senhores que amanhã a capital era assolada por um desses terríveis males. Como poderiam os médicos, que têm o dever de extinguir esses grandes incêndios, salvar a população se lhes faltam os soro para esse importante cometimento?

— A quem deveríamos recorrer se o perigo nos batesse à porta com grande intensidade?

— Morreríamos todos, porque a principal farmácia dos hospitais não tendo recursos farmacêuticos cumulou-o de conhecimentos que ele tem posto ao serviço da sua profissão. Há ainda uma outra nota particular que lhe traz grandes simpatias.

— Foi um dos mais encarregados carbonários, com larga escola de artilharia civil... Hoje não pensa nisso, porque da República só tem recebido desilusões e dos republicanos só tem visto subserviências...

— Falando-se do grande alcance sanitário da farmácia o sr. Jaime Tavares, num sotaque provinciano, refere-se com proficiência a vários casos em que o tratamento anti-tetânico tem evitado muitas mortes.

— Fazendo convergir as nossas atenções para a diversidade de produtos farmacêuticos que exameiam as inúmeras prateleiras, negligentemente dispostas, o sr. Tavares conta-nos o que tem sido a vida deficitária do hospital.

— Com precisão, com a segurança dum prático, é o dr. sr. João Pais, em quem o diretor dos serviços farmacêuticos delegou a narrativa, que nos fala da situação da farmácia:

— A farmácia é como que o depósito de produtos farmacêuticos de todos os hospitais, que por sua vez possuem uma pequena farmácia.

— Quando algum hospital precisa dum medicamento requisita-o ao depósito, que por sua vez deve a requisição.

— Como a população dos hospitais vai aumentando de dia para dia sucede que os medicamentos vão decrescendo à medida que se aproxima o fim do ano económico.

— Computado em 25.000 o número de pessoas que passam pelos hospitais, a verba de 800 contos que se destina à farmácia não cobre um terço das despesas ordinárias.

— Num rápido cálculo o dr. sr. João Pais de Vasconcelos prova-nos até onde chegam os recursos da farmácia, com a significativa demonstração:

— Para o ano económico que termina em Junho de 1926 à farmácia, dos 800 contos de verba, deles restam 270!

— Como poderá ela vencer tódas as dificuldades que se apresentam até Junho?

— A grave revelação do dr. sr. João Pais aguçou-nos a curiosidade; despertou-nos o desejo de conhecer qual seria a função da farmácia num caso de epidemia.

— E numa interessante descrição das epi-

TEATRO MARIA VITORIA

HOJE FESTA ARTISTICA DA ACTRIZ
1 quadro novo em 2 episódios só para esta noite
ZULMIRA MIRANDA e SANTOS CARVALHO em fados ao desafioZULMIRA MIRANDA
A revista RATAPLAN!
e fados à guitarra por 20 guitarristas 20

TEATRO MARIA VITORIA

EM PODER DUM CRIME MISTERIOSO

Le Flaouter é um homem sem escrúulos vendido à polícia

afirma-o na sexta audiência o redactor principal do "Libertaire"

O depoimento de Madame Corte

Sexta audiência deste estranho processo, em que o inculpado é que guia os debates. Mas, como nas audiências antecedentes, esta não se passou sem ter havido também um acontecimento sensacional.

Le Flaouter em maus lençóis

Depois de Daudet ter feito os seus agravamentos ao tribunal por este ter ordenado uma busca à livraria de Le Flaouter teve em tempos relações comerciais.

Um dia, durante uma ausência do seu marido, Madame Corte falava do caso Daudet com Le Flaouter e este confessou-lhe que fazia o comércio de armas clandestinas e que vendera um revolver ao jovem Filipe, que chegara com uma recomendação do *Libertaire*.

O sr. Le Flaouter disse-me, afirma a testemunha, que o rapaz viera de manhã e que lhe comprara um revolver. Como faltasse o carregador, o livreiro pedira-lhe para voltar à tarde.

Foi entre estas duas visitas que o sr. Le Flaouter teve receio de qualquer coisa e foi avisar o sr. Lannes.

O depoimento é claro, feito com voz firme e sem reticências.

Faz-se o confronto das duas testemunhas.

Le Flaouter encolhe os ombros.

O sr. bem sabe que não estou a mentir! exclama Madame Corte indignada!

A sr. está enganada, responde o enigmático livreiro com uma delicadeza que lhe não é habitual.

Colomer acusa o livreiro

Mas esta questão de armas e de comércio de armas tem que ser esclarecida e Colomer, chefe de redacção do *Libertaire*, deve saber algo a este respeito.

Nunca ouvi dizer no *Libertaire* que tivessem visto um revolver em poder de Filipe — afirma Colomer.

— E quanto ao comércio de armas? insiste o advogado de Daudet.

— Mas porque razão comprou você prensamente *L'Action Française*, jornal que nunca li, no dia seguinte ao da visita desse desconhecido?

— É muito natural, responde a testemunha; eu desejava saber o que aconteceu ao meu misterioso cliente e foi uma intuição que me fez comprar o jornal realista.

Segue-se uma discussão muito confusa.

Trata-se de saber quando e como, nos dias seguintes ao de 24 de Novembro, Le Flaouter conseguiu vê Lannes para combinar com ele a versão a fornecer.

— Mas não se tratava de nenhum conluio, grita a testemunha. Se tivesse havido qualquer combinação, Filipe Daudet teria sido preso...

As declarações de Le Flaouter são bastante confusas. A testemunha chega mesmo a confessar que algum tempo depois do drama Lannes lhe leu o relatório que tinha tenção de entregar sobre os acontecimentos do dia 24 de Novembro.

— Era, exclama o advogado de Daudet, para se pôr bem de acordo e para Lannes ter a certeza de que o livreiro não o desmentiria!

— Não, senhor, responde a testemunha, o sr. Lannes leu-me o relatório para ter a certeza de que não tinha esquecido de nenhum pormenor.

Mas o advogado Roux não se mostra convencido e com razão.

— Achô bastante estranho que um chefe superior da polícia vá ler o seu relatório a um subordinado antes de o enviar a quem de direito. Isso nunca se viu!

Contra uma burla da Companhia do Gás

Recebemos da Câmara Municipal a seguinte nota oficiosa que passamos, na íntegra, a reproduzir:

«Constando à comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa que a Sociedade Companhias Reunidas de Gás e Electricidade insiste abusivamente em cobrar dos consumidores quantias superiores às que correspondem aos preços legalmente estabelecidos, para o quilo-watt-hora de energia eléctrica, e para o aluguer de contadores de gás ou electricidade, previne novamente o público que não deve colaborar com a mesma Companhia em actos de desrespeito aos contratos em vigor, aceitando as suas imposições, mas tão somente pagar a electricidade que tiver consumido à razão do preço estabelecido pela Câmara segundo os referidos contratos, a qual é, como já foi anunciado, 1344 o quilo-watt-hora; e, quanto aos contadores, o que os mesmos consumidores devem pagar é o que lhes corresponder nas tabelas seguintes: Para gás, contador de 5 luzes, \$10; de 10, \$20; de 20, \$30; de 30, \$40; de 40, \$50 e para mais de 50 luzes, o que houver ajustado com a Companhia. Para electricidade,

contador até 10 hw., \$50; até 25, \$75; até 50, \$100, até 100, \$150; até 200, \$200 e até maior número de hw. o que houver ajustado com a Companhia.

Recomenda igualmente a todos os municípios contra quem a mesma Sociedade praticar qualquer acto lesivo dos seus direitos de consumidores de gás ou electricidade, por virtude de não terem anuído às suas exigências, que imediatamente se dirigam à comissão executiva por intermédio dos serviços municipais de iluminação, a fim de serem tomadas as necessárias providências.»

Alguns moradores da travessa do Alcaide foram já jurados pela Companhia, visto ignorarem as determinações da Câmara.

Parece-nos conveniente a profusa afixação, pela Câmara, nos lugares públicos, de editais sobre o importante assunto.

A sair por estes dias a 8.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO Povo

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras páginas do homem até à revolução francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 volumes com cerca de 320 páginas \$600. A obra mais barata que na geração se publica

O proletariado e os votos

Um interessante artigo da "Imprensa Nova"

Reapareceu anteontem, sob a direcção do nosso colega na imprensa sr. Machado Correia, o jornal *A Imprensa Nova*. Apresenta-se bem redigido e de aspecto gráfico interessante.

Publicava ontem, sob o título «O proletariado e os votos», um artigo, do qual nos permitimos recortar alguns trechos:

«Em volta do proletariado português estendem-se as mãos dos políticos pedindo votos. Evocam a democracia, falam de amizades e de simpatias, mergulham as raízes dos seus partidos nas mais profundas seivas de amizades pelos trabalhadores, e ao relembrarem os seus triunfos, já os deixam de unir as armas erguidas pelos operários contra os inimigos do regime republicano. Parece que uma afinidade enorme deve ligar os que mandam e os que os sustentam no poder; parece que nunca se deviam separar, e é em nome de tudo quanto os proletários têm feito pelas instituições que os cidadãos elegíveis, partidários republicanos, vêm solicitar os votos, aconselham a ida às urnas, o abandono dos desdêns sindicalistas pelas listas, o desprêzo das labutações pelo sufrágio, tal como existe, e solicitar-lhes que os elejam...»

«Em 1913 havia nos cárceres 113 operários rurais de Coruche, da Amareleja, da Moita, de Barbacena, e que desde há vinte meses não tinham a menor assistência judiciária por parte dos governos. Com elas estavam o professor Butzel acusado violentemente e Manuel de Azevedo cuja culpa fôr a de não se descobrir quando se tocava a «Portuguesa». Começara logo uma ação de extermínio por Evora, Ferreira do Alentejo, Olhão, São Tiago do Cacém, Santo André e Escuras num rancor profundo, num aleijão feita de todas as ruindades.

«Um coretejo de famintos, com sua bandeira negra, foi assaltado à bomba por amigos do partido democrático e em vez do «Pão ou Trabalho», que em sua signa de luta solicitavam, receberam apenas residência: o Limeiro. De seguida fez-se o novo assalto à Casa Sindical. Os dias decorriam e não se abriam as portas das cedências; viviam os trabalhadores, miseravelmente, no fundo das enxovas e por parte da imprensa do regime, ou se ouviam insultos contra eles ou se fazia a calada.

«O proletariado, após todas estas evocações, votará?

O proletariado escutá-lo há ainda? Ira as urnas?

Como seria curioso analisar os condonados a fundirem as balas para o seu fusilamento, a forjarem as algemas para os seus pulsos. E porque não? Todos os dias praticam os arsenais e nas oficinas proféticas e ésses ferros.

O círculo, porém, estaria em continuar a servir os governantes, esquecendo que nem pesadas as mãos de lama que lhes caem, por vezes, sobre os rostos.

A resposta consistiria, antes, num pontapé rijo atirado às urnas para mostrar ao país o seu verdadeiro conteúdo, as centenas de cifras com que se forma o ninho da Rotunda, e, talvez por herança, o Rotundismo «Zero» do Poder.

NACIONAL

Obtiveram ontem fervorosas aclamações todos os intérpretes do brilhante original de G. Selvage «Miragem», onde há a admirar a deliciosa harmonia de todo o conjunto.

Os funerais do comissário da guerra

RUSSO

MOSCOW, 4.—Realizou-se ontem o funeral do extinto comissário do povo para a guerra Frunze, tendo cessado o trabalho em toda a cidade e achando-se esta decorada com bandeiras vermelhas e negras.

Os contingentes da guardaço formaram ao longo das ruas prestando as últimas honras militares, que foram completadas com as salvas da ordenanza.

Uma sessão de propaganda política malograda

Devia ontem realizar-se no Centro Socialista de Alcântara uma sessão de propaganda da lista eleitoral bonzo-socialista na qual falariam os srs. Amâncio de Alpoim, socialista, e os bonzos José Luís Ricardo e Daniel Rodrigues.

Ainda falou o sr. Amâncio de Alpoim que não conseguiu terminar o seu discurso em virtude dos constantes apertos que faziam de assistência. Não houve remédio senão dissolver a reunião, porque o sr. Amâncio de Alpoim, a-pesar de ser um orador de excepcionais qualidades, não conseguiu convencer a assistência que a lista dos bonzos era a lista das vestais, e que a urna e o maior factor do progresso social.

APOLO

Palco exito obtido neste teatro com o brillante drama «O Saltimbanco», ainda esta semana o público de Lisboa poderá aplaudir todas as noites os intérpretes da emocionante peça.

Os que desejam estudar

O auxílio dispensado pelos nossos leitores aos estudantes pobres protegidos pela *A Batalha*, tendo sido muito lisonjero, não foi suficiente para satisfazer os inumeros pedidos feitos.

Dos nossos estudantes, Américo Fernandes e Catarina Valada Neves Ramos, precisam de alguns livros, cujo preço atinge dezenas de escudos. Estudantes do curso secundário carecentes de livros correspondentes às disciplinas que estudam, muitos mais caros do que aqueles que um simples aluno do primeiro grau precisa.

Estas são as razões básicas porque vimos hoje de novo lembrar aos nossos leitores que se o seu auxílio, tão valioso, se fizer esperar, os simpáticos imperitantes, que desejam estudar, jamais o conseguirão.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Operários da Construção Civil

Realizou-se no sindicato da Construção Civil uma reunião de operários associados e seu trabalho para tomarem conhecimento das *démarches* realizadas pela comissão delegada da Bolsa de Trabalho e do S. U. C. C.

O secretário geral da Bolsa de Trabalho expôs sucintamente as *démarches* efectuadas junto do ministro do Trabalho sobre as obras da Maternidade e das Encomeendas Postais.

Depois de alguns operários terem apresentado estas declarações, nomeou-se uma comissão de resistência para ir junto do ministro do Trabalho tratar, também do asunto.

A comissão procurou depois o ministro do Trabalho a quem expôs a situação em que se encontram os operários da construção civil. O ministro respondeu que não descurava o assunto, tendo dado ordem que as obras da Maternidade e das Encomeendas Postais reabrissem brevemente.

E, no caso das entidades de quem também depende a reabertura dessas obras se demoram a reabri-las, ele tomaria, por si próprio, uma decisão rápida.

O delegado da Bolsa de Trabalho procurou o presidente da comissão de engenheiros que estão estudo o projecto das obras das Encomeendas Postais, não lhe conseguindo falar por ele ter ido para uma reunião que se ligava com a reabertura das referidas obras.

Um grande triunfo do operariado da Construção Civil de Guimarães

GUIMARÃES, 3.—Durante três dias numa luta brilhante e heroica, o operariado da construção civil conseguiu ver satisfeitas as suas justificadas pretensões que consta da seguinte plataforma: a manutenção dos actuais salários até Janeiro, caso os artigos indispensáveis à vida melhorem de preço.

Temos descrito o que tem sido este movimento, que veio encher mais uma página gloriosa da história do movimento operário da tradicional terra vimaranense.

A construção civil tem em todos os tempos, marcado sempre! O espírito de solidariedade une esta numerosa família na região portuguesa.

Oxalá que o operariado em luta em todo o país consiga alcançar igual vitória, tão justa e humana ela é!

Vamos informar como terminou o movimento.

Ontem realizou-se uma conferência entre os delegados do sindicato da construção civil e dos mestres de obras, tendo a ela assistido o delegado do governo, que é o mestre que na greve dos operários do mobiliário da casa Neves se notorizou tristemente.

A comissão dos operários apresentou a plataforma a que atrás aludimos, que deu fim à greve, pois foi aceite pelos mestres de obras, excepto na parte que se refere aos operários *trolhos*.

Exposta à assemblea dos grevistas o resultado desta *démarche*, foi resolvido que as especialidades de pedreiro, carpinteiro e estucador retomasse o trabalho, prosseguindo a greve na *trolhos* até completa satisfação das reclamações apresentadas.

Tão bem se conduziram os grevistas que hoje a greve terminou vitoriosamente.

O entusiasmo é grande em todo o operariado da cidade. Oxalá que o exemplo da construção civil frutifique noutras classes.

A comissão dos operários deve ficar de sobreaviso com este facto.

Sindicato Único da Construção Civil

Ao sindicato da construção civil veiu um grupo de operários que trabalham no Instituto Gama Pinto e que tinham sido despedidos com a alegação de não haver verba.

Essa alegação é mentirosa, existindo ainda verba e tanto assim é que ainda lá ficaram operários a trabalhar.

Hoje irá um delegado do sindicato tratar deste assunto.

Também consta neste sindicato que nas obras do Asilo dos Cegos em Santo António dos Capuchos, onde é engenheiro o sr. Jorge Coutinho, estão trabalhando como carpinteiros e com salários irrisórios alunos de vários asilos. O sindicato da Construção Civil vai também tratar deste assunto que é bastante grave, em face da crise de trabalho que atravessa a indústria.

A secção profissional dos carpinteiros deve ficar de sobreaviso com este facto.

SAO CARLOS

Esta noite efectua-se a 1.ª récita, nesta época, de «O Leque», em que Lucília Simões tem um curioso papel. Sábado, sobra à cena a dramática «Rajada».

A água do Andaluz

Reuniu ontem a comissão de defesa da aguia do Andaluz, tendo resolvido entregar à Câmara Municipal uma representação pedindo a conservação de tudo que constitui a primitiva fonte de Andaluz, e indicando também as obras que é preciso fazer, a fim de tornar o Largo de Andaluz mais amplo e agradável, com um chafariz próprio para abastecer o grande número de pessoas que ali vão. Esta representação é baseada em muitos pedidos que a esta comissão têm dirigido muitos consumidores deste precioso líquido.

A BATALHA

A LUTA CONTRA A BAIXA DE SALÁRIOS

Prossegue corajosamente a greve da classe corticeira, registrando-se ontem a adesão dos corticeiros de Sines e a solidariedade dos marítimos de algumas localidades

Pode considerar-se virtualmente ganho o movimento grevístico da classe corticeira. O industrial causador desta luta onde se encontra em jôgo o pão de dezenas de milhar de pessoas, não sabendo já como eximir-se à responsabilidade dos seus actos procura, numa obra de sapa, fazer conveniente os operários que não reduzirão os salários.

Porém o Comité da greve, com a responsabilidade tremenda da direcção deste movimento, só poderá fazer fé na declaração dos industriais, quando colectivamente elas tomem essa resolução, dando dela conhecimento à Federação Corticeira.

Estão, de facto, dispostos os industriais a pôr termo a uma situação de que só elas são responsáveis?

Pois bem! Na reunião que efectuam no sábado têm realização as informações de que têm feito alarde junto dos operários e a greve terá uma rápida solução. De contrário não lhes restará autoridade para se fazerem eco dum desejo que não pretendem converter em realidade.

Ao Comité da greve acaba de chegar a adesão dos corticeiros de Sines que estão apoiados pelos marítimos daquele localidade, num movimento grandioso contra a baixa de salários.

Nota da comissão de 'démarches'

Esta comissão notifica a toda a classe que, tendo reunido, com a sua presença, o conselho federal da Federação Marítima, para resolver sobre a solidariedade a prestar à nossa greve, nessa reunião foi apresentado um assunto que tem, sem demora, de ser apreciado pela Federação Corticeira. Por esse motivo refine hoje, pelas 13 horas, o conselho federal da nossa federação, com a presença de todos os delegados directos e indirectos.

Nota do comité da greve

Camaradas — Continua, com o mesmo entusiasmo, a greve corticeira.

Aumentou o número dos industriais que declararam desistir de reduzir os salários aos seus operários.

Este comité entende que a greve geral se deve manter, e que se não aceitem soluções parciais, enquanto não for enviada à Federação Corticeira a resolução colectiva que os industriais venham a tomar, em face da atitude assumida pelo operariado corticeiro.

Aderiram à greve os corticeiros de Sines que vieram gallardamente colocar-se ao lado dos seus camaradas de luta. Os corticeiros de Sines têm a seu lado os marítimos que lhes prestarão tóda a sua solidariedade.

O movimento apresenta-se favorável, mostrando-se a classe possuidora da força que necessita para alcançar a merecida vitória da sua justíssima reclamação. Não será o Estado, oferecendo militares para cargas e descargas de corticeira, que conseguirá esmagar milhares de homens que reivindicam o direito à vida.

Que todos cumpram o seu dever. Que ninguém abandone o seu posto porque a vitória do movimento tem de resultar da energia, da tenacidade e da coesão de toda a classe. — O comité.

Em Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 4.—Os corticeiros desta localidade, que se encontram em greve desde sábado, reuniram ontem em assembleia geral para apreciar a marcha do movimento, que em Aldeagalega prossegue com o entusiasmo do primeiro dia.

Foi resolvido realizar algumas "démarches" junto dos corticeiros que trabalham nas fábricas de moagem de corticeira, "corticeiro", a fim de se solidarizarem com os grevistas.

Alguns industriais declararam que não reduzirão os salários. — E.

Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 4.—Depois de proclamada a greve geral da classe corticeira os grevistas reuniram no seu sindicato, aprovando várias medidas tendentes a assegurar a máxima coesão da classe, solidarizando-as assim com as resoluções da Federação Corticeira.

A paralisação é total, e a classe só retornará ao trabalho quando a Federação por intermédio do comité da greve o determinar. — C.

No Seixal

SEIXAL, 4.—A greve dos corticeiros não sofreu alteração. O entusiasmo é o do primeiro dia. Os grevistas mostram firme disposição de fazerem os industriais arrepiar caminho. — E.

Uma saudação dos ferroviários do Sul e Sueste

BARREIRO, 4.—Em assembleia geral dos ferroviários do Sul e Sueste, realizada no sábado, foi aprovada a seguinte saudação:

Os ferroviários do Sul e Sueste, reunidos em assembleia geral para tratarrem da sua situação moral e material, saíram a classe corticeira do país pelo seu movimento reivindicador, fazendo votos para que seja constatado completamente o triunfo do seu movimento, aniquilando assim a infame maquinaria dos industriais. — C.

Poco do Bispo

Os operários corticeiros do Poco do Bispo reunidos para apreciarem a marcha da greve, constataram que ela continua com a mesma energia e coesão do primeiro dia.

Tomaram conhecimento da suspensão dum empregado da Peninsular Kork, pelo facto de este não se prestar ao repugnante papel de traidor da classe, não indescarregar alguns vagões de corticeira.

Foi marcada nova reunião para amanhã às 16 horas.

i terminou vitoriosamente a greve dos operários da construção

A. G. de Guimarães

NO PARAIZO COMUNISTA...

A verdade sobre a situação económica do operariado russo

Outra prova da impotência do proletariado russo, está na desocupação crônica. Se o proletariado russo detivesse o poder, ou, pelo menos, o controle da produção ou do acesso ao trabalho, não existiria na Rússia um só desocupado. Todos os trabalhadores deveriam ser igualmente atraídos ao trabalho; num país em tais condições não poderia haver nem ricos nem preguiçosos que não quisessem trabalhar, nem pobres diabos que não tivessem direito a trabalhar.

A Rússia dos Sóvietes porém está tão longe disso como os outros países capitalistas. Que falem os próprios órgãos soviéticos.

O orgão sindical «Trud» de 17 de Abril de 1925 participa que em 1º de Outubro de 1924 o número dos sem-trabalho inscritos no Registo de Trabalho de Moscovo subiu a 48.459, no 1º de Janeiro de 1925 havia em Moscovo 79.000, no 1º de Abril desse ano 104.000 e no dia 15 do mesmo mês 116 mil desempregados. Estes são dados oficiais, que só abrangem os inscritos, porém não todos os sem-trabalho. Em Leningrado a falta de trabalho é de igual forma ameaçadora. «Trud» escreve em 5 de Julho desse ano o que se segue:

«Segundo os últimos dados do Registo Operário de Leningrado há ali 52.000 sem-trabalho, dos quais 40.000 são membros dos sindicatos. Sómente 13.000 desempregados recebem socorro do seguro social. Os sindicatos socorem em média só 40% dos seus membros sem-trabalho.»

A classe operária russa está igualmente exposta aos efeitos crescentes da falta de trabalho como os operários dos outros países. Certamente os sindicatos e os soviéticos tentam tomar medidas contra o «chômage». O soviete de Moscovo organizou as chamadas «comunidades operárias», nas quais se empregaram uns 10 mil pessoas.

Isto está, porém, numa proporção demasiado insignificante em relação ao número dos sem-trabalho, e em segundo lugar, é uma espécie de trabalho de crise, como o que introduziu na Alemanha o governo capitalista, onde os salários e as condições de trabalho são indignas dos trabalhadores revolucionários. Essas comunidades operárias dos soviéticos de Moscovo foram transformadas em empresas, nos quais são vergonhosamente explorados os desempregados. As tarifas são tão baixas que com o trabalho mais intenso apenas se ganha 18 a 20 rublos por mês. O trabalho barato dessas «Comunidades operárias» inspirou a indústria estatal a entregar os seus trabalhos a esses estabelecimentos.

O fim de tudo é que as «comunidades operárias» dos sem-trabalho convertem-se em opressoras do salário para os outros trabalhadores. Exactamente, o mesmo quadro da Alemanha nos pessimos tempos de Cuno. Tudo isso, porém, não é o essencial. O mais importante para nós é que o proletariado russo, a pesar do decadente governo dos soviéticos, não tem conseguido dominar a crise da desocupação, o aumento dos preços e a redução dos salários.

Aqui se evidencia, claramente, que a sua ação é fundamentada num erro. A importância da tática bolchevista para tornar o proletariado senhor da produção, revela-se aqui da forma mais clara. A base do fracasso do movimento operário na Rússia soviética está no facto de que um partido político tomou em suas mãos o poder, e estabeleceu um aparelho estatal incapaz de regular a vida económica, porém com a pretensão de se apresentar como a vanguarda do proletariado revolucionário, impedindo a todas as restantes tendências o desenvolvimento das suas capacidades. Assim foi levado o proletariado russo a uma situação desesperada de que até hoje não pôde libertar-se.

A greve na Rússia

A pouco e pouco se desfaz a coação que pesa sobre o proletariado russo. A pressão chegou finalmente a um ponto que não pode ser ultrapassado. Os trabalhadores revoltam-se e vêm que sólamente podem construir com as suas próprias forças e ação.

Declaram-se em greve e têm que se confrontar com o governo e sindicatos se voltam contra a greve. Nesses últimos tempos as greves têm-se apresentado, cada vez mais numerosas. Em junho desse ano produziram-se grandes conflitos na indústria têxtil por causa da introdução de novos métodos de trabalho.

A greve na fábrica manufactureira de Golitwin durou sete dias, fizeram greve uns 3.000 operários, que triunfaram parcialmente. Como a administração da fábrica não se sentiu com forças para reprimir a greve, foi posteriormente despedida. Na mesma ocasião estalou uma grande greve nas fábricas têxteis de Ivanov-Wossneskens.

Nessa greve tomou parte a maioria do proletariado, e a greve terminou com um triunfo completo para os grevistas. Esse êxito estimulou os operários têxteis doutras localidades a tentar a sorte pelo mesmo caminho.

A greve, no entanto, é conduzida em condições extremamente difíceis, porque os sindicatos embora defendam oficialmente os interesses dos trabalhadores, na realidade os trabalhadores devem lutar contra eles porque só têm em conta os interesses do governo.

Os operários, por conseguinte, têm que nomear delegados e «comités» de greve inimigos dos trabalhadores, além dos burocratas sindicais, são-no os órgãos governamentais, o Partido Comunista e seus confidentes, assim como o formidável aparelho policial.

Sucedeu também que os operários elegem para as negociações membros do Partido Comunista que estão em oposição dentro do partido. Não obstante todas essas dificuldades, os operários da indústria têxtil, nos distritos da Rússia Central, conseguiram ganhar as suas greves.

Tomaram conhecimento da suspensão dum empregado da Peninsular Kork, pelo facto de este não se prestar ao repugnante papel de traidor da classe, não indescarregar algumas vagões de corticeira.

Foi marcada nova reunião para amanhã às 16 horas.

Em Almada

ALMADA, 4.—Continua com a mesma firmeza o movimento grevístico, iniciado no passado sábado.

Na reunião realizada ontem foi lido um ofício dos camaradas descarregadores de mar e terra de Almada que declararam solidarizar-se com o movimento, não fazendo cargas nem descargas desde o início da greve e incitando os grevistas a persistir na luta até vitória final.

A assembleia aceitou, com regozijo, a atitude destes camaradas e firmou o voto de solidariedade operária, F. C. N., etc.

A classe continua a reunir todos os dias às 17 horas. — E.

Em Barreiro

BARREIRO, 4.—Reuniu a classe para apreciar o movimento grevístico e ouvir os delegados junto à Federação.

Constatou, mais uma vez, estar a classe disposta a prosseguir no movimento até que justiça seja feita. Apenas há a registar este facto lamentável:

Domingo passado foram descarregados, indevidamente, 7 vagões de fardos de corticeira pertencente ao industrial Barreiras, por descarregadores ferroviários à ordem do inspector sr. Simplício, prejudicando assim o serviço de tráfego e todos os indivíduos que possuem mercadorias nesta estação que ficam retidas por tempo indeterminado.

Os mesmos fardos foram descarregados em presença da praças da guarda republicana, e, findo o trabalho, houve lauto jantado para todos, o qual terminou depois de todos terem o estômago cheio de álcool.

Regozijaram-nos, no entanto, com a atitude de o sindicato ferroviário que já tomou provisões no sentido de evitar a repetição desses factos.

Na Amora

AMORA, 4.—Não sofreu alteração a greve dos corticeiros nesta localidade. Os grevistas só retornarão o trabalho quando o comité da greve o determine. — E.

Em Alhos Vedros

ALHOS VEDROS, 4.—Continua corajosamente a greve dos corticeiros. O moral dos grevistas é excelente. — E.

Em Setúbal

SETÚBAL, 4.—Pouco mais temos a acrescentar à nossa correspondência de ontem sobre a greve dos corticeiros, que prossegue indefectivelmente.

Em Castelo Branco

CASTELO BRANCO, 3.—Com o entusiasmo do primeiro dia prossegue a greve dos corticeiros nesta cidade. Voltaram a reunir em assembleia os grevistas que resolveram continuar na luta. — E.

Adesão dos corticeiros de Sines

SINES, 3.—A classe corticeira reuniu em assembleia para apreciar uma circular da Federação Corticeira sobre as pretensões dos industriais que vêm de Sines.

A assembleia geral, que esteve numerosamente concorrida, aprovou a greve geral da classe corticeira, ouvindo-se nesse momento entusiasmáticos vivas à organização operária.

Foi nomeada uma comissão que confeccionou com os camaradas marítimos solicitando-lhes a sua solidariedade ao movimento.

Num elevado gesto que muito os caracteriza os valorosos marítimos não fizeram esperar a sua solidariedade, pois hoje um barco que aqui veio buscar fardos de corticeira que aqui teve de ser retirar sem conseguir os seus desejos. A altaiva atitude dos marítimos tem sido muito elogiada pela população.

Se noutras localidades os marítimos assim procederem, muito teria a lucrar a classe corticeira esta greve.

Alguns fabricantes prometem respeitar os actuais salários. Há, porém, um que vai mais longe. Diz que mesmo que a classe, em todo o país sofra redução nos salários, os salários do seu pessoal não sofrerão alteração. — E.

Operários do Mobiliário da casa Diamantino & Branco

CONTINUA NA PÁGINA DEBAIXO

Continua na mesma situação a greve dos operários da casa Diamantino & Branco. Os industriais entrevistados, novamente declararam manter-se na mesma atitude de irreducibilidade. Os operários, porém, firmes na justiça que lhes assiste acham-se dispostos a só retomarem o trabalho quando lhes seja concedido o salário que desumanamente lhes tentaram reduzir. Há porém, a emparar o brilho desse movimento a atitude indecorosa do encarregado da casa, um tal António Batalha, que esqueceu a sua situação de assalariado e o compromisso tomado com os restantes grevistas para não ir trabalhar, o tráfico indecorosamente. Este cavalheiro, que já foi despedido de uma casa por não querer pagar as cotas do Sindicato e durante pelo seu procedimento pouco correcto, não podia deixar de mais uma vez mostrar a sua falta de consciência e a disposição para traír os seus camaradas. O Sindicato já lhe fez sentir o seu mau procedimento, porém o traidor ficou insensível. Esperamos estarmos porém que em breve receberemos dos patrões o prémio que todos eles costumam dar após se terem aproveitado destes sabujos: a ruim.

Para apreciar a marcha da greve reúnem hoje os grevistas na sede do Sindicato às 17,30 horas.

A comissão de resistência convida o pessoal de todas as oficinas onde se manifestam tentativas de baixa de salário, ou qualquer outra deliberação patronal que colida com as resoluções tomadas nas assembleias, a comunicá-lo imediatamente a esta comissão.

Poco do Bispo

Os operários corticeiros do Poco do Bispo reunidos para apreciarem a marcha da greve, constataram que ela continua com a mesma energia e coesão do primeiro dia.

Tomaram conhecimento da suspensão dum empregado da Peninsular Kork, pelo facto de este não se prestar ao repugnante papel de traidor da classe, não indescarregar alguns vagões de corticeira.

Foi marcada nova reunião para amanhã às 16 horas.

Os comissários de resistência convidaram o pessoal de todas as oficinas onde se manifestam tentativas de baixa de salário, ou qualquer outra deliberação patronal que colida com as resoluções tomadas nas assembleias, a comunicá-lo imediatamente a esta comissão.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas,

Câmara Sindical do Trabalho
■ ■ ■ DE LISBOA ■ ■ ■